



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 15.3.2014

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistado:** Rinaldo Claudino de Barros

**Responsável pela transcrição:** Lucila Barbalho Nascimento (bolsista)

**Carlos Gomes:** Nós não temos tido sorte, pessoas que vêm aqui sempre falam que “eu sei que a última vez que houve o depoimento de... ele falou que tinha deixado lá uma funcionária chamada Isolda Cavalcante”, eu fui atrás e ela faleceu há 3 anos, uma fonte a menos. Só resta, pra gente saber alguma coisa da documentação, Silvestre – irmão de François Silvestre –, que eu agora vou procurar saber, eu soube que ele não mora aqui... certo, então essa é a primeira. A segunda: eu estive com o coordenador de informática da Universidade tratando de outro assunto do Instituto Histórico e levantei a possibilidade de a gente ouvir pessoas que não residem aqui, ele: “ô, aqui todo o equipamento”, então eu já... Juan me trouxe agora o endereço do filho de Maria Laly, eu vou ver como é que eu faço, porque o rapaz com certeza é francês, deve saber português, né? Eu vou tentar o contato. E Geniberto e Ginani são pessoas que a gente pode fazer convite... confirmou, está certo.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Eu estive ontem e hoje representando a nossa Comissão nas homenagens prestadas ao escritor Tiago de Melo, hoje foi na Assembleia e ontem foi no Palácio do Governo. O professor Almir falou que havia uma necessidade de a gente dar uma parada pra fazer uma avaliação do que nós já conseguimos até agora, concordo perfeitamente, então em

abril a gente apraza. Agora, eu tive uma ideia de todo serviço que eu já passei, na controladoria, na Escola de Contas, eu sempre gosto de fazer ou um informativo ou uma resenha pra dar conta a comunidade externa o que é que a gente está fazendo, então eu queria levantar aqui a ideia de a gente fazer uma resenha para colocar à disposição no site da Universidade um *link* da Comissão da Verdade e eu queria que os bolsistas que estão fazendo um trabalho adulto, já parece até que não são nem bolsistas mais, já são profissionais, né? Vocês que têm ajudado muito, eu gostaria que vocês trouxessem uma ideia de um projetozinho, uma resenha: *Comissão da Verdade – Resenha*, onde a gente estude aqui as notícias que a gente vai colocar e pode ser até... vamos estudar isso? Pois não? Sim, sim, sim... Desde a razão de sua criação, a primeira composição, que agora já vai ser alterada, não sei se tem alguma notícia, Kadma, de Justina?

**Kadma Maia:** [Inaudível]

**Carlos Gomes:** [Inaudível] não permanente da Comissão, mas claro que ela estará aqui e também a Daniela, representante do DCE, já nos comunicou que terminou a gestão dela e pediu substituição e eu encaminhei pra Reitora a documentação. Eu queria, em relação aos bolsistas, Juan está tratando do caso de Alberto Lima e alguém lhe ajudou também nesse trabalho? Você, né? Eu queria que vocês dois apenas agora, depois eu passo pra vocês, que eu tirei da internet o Decreto, agora tem uma instrução normativa da Universidade, se a gente encontrasse, era interessante. Eu tenho minhas dúvidas, em princípio tudo levava a crer que realmente ele formou-se três dias depois do prazo que o Decreto fala – “quem tiver sido contratado até o dia tal” –, três dias depois ele se formou, isso aí não está fechando a porta, ele já tinha sido contratado como agente administrativo, o pleito dele é pra nível superior, é uma questão que eu não sei se foi bem interpretada não, se eu descobrir essa instrução, eu posso até interpretar, num parece, pode ser até que ele tenha algum direito, entendeu, diga!

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** É já ouvi, já ouvi, nós ouvimos a todos eles, mandaram alguma coisa, não?

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Tem, eu já tenho o número do processo.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** [Inaudível] mas na ficha dos outros tem o enquadramento, se não tem, não tem.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Isso, pois eu queria que vocês continuassem, procurassem essa instrução normativa, porque eu vou ver isso com cuidado, interpretar, que a lei diz só: aqueles que tiverem sido contratados ou tiverem vínculo com a Universidade até o dia x poderão num sei o quê, blá, blá... ele formou-se 3 dias depois, mas ele já era funcionário, ele já tinha sido contratado antes como nível médio e o pleito dele é pra nível superior, agora eu não vi no Decreto, nada dizendo, nada falando o seguinte: “bom ele manda quem estivesse com a situação ainda não totalmente regularizada, mas que tivesse contrato...”, ora, ele tinha um contrato, agora, não tinha de nível superior, o fato dele ter 3 dias depois da publicação do Decreto se formado não tem nada vetando não, porque ele fala genericamente quem tivesse vínculo e ele tinha, os vínculos vão se adaptando a uma realidade, então é uma questão de ser interpretado.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** É, eu queria que vocês continuassem pra ver, já se encontrou, é. Já se encontrou o processo todo, só não se encontrou o processo... na ficha funcional... que é, que foi conjunto com o menino eu tenho cópia dele aqui... Essa que a gente tem que ver, porque olhe bem, só... mas olhe aqui o Decreto, o Decreto diz o seguinte, genericamente aqui no... ele diz: “os atuais ocupantes de emprego nos órgãos da administração direta e das autarquias, ainda não integradas no plano de classificação de cargos”, mas que por esse “indiretamente contratados” até 31 de março de 1981, me parece que em 31 de março de 81 ele tinha sido contratado já, ele apenas se formou no dia 11 e a lei entrou em vigor o dia 9, então, mas aqui não está vetando não, mas ele já era contratado, só que era de nível médio, quer dizer eu acho que...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu gostaria de fazer uma observação. Primeiro: se falou aí que ele... a pretensão dele é ser superior, mas mesmo que, se eu acho a reintegração...

**Carlos Gomes:** Não, ele era...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu digo não, a reintegração agora, seja de nível médio, ele não vai ficar, ele não vai rejeitar não.

**Carlos Gomes:** Bem, aí não sei, não é muito fácil...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, eu sei, mas eu acho que se ele tem direito à reintegração no nível médio...

**Carlos Gomes:** Mas ele pediu demissão voluntariamente... chateado... manteve aí...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível] o que eu estou falando, o que eu quero dizer é o seguinte: ele está pleiteando, não está? Alguma coisa ou não?

**Carlos Gomes:** Está pleiteando não, ele quer só...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ou ele quer só a verdade?

**Carlos Gomes:** Ele está só reclamando...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Só a verdade, tudo bem!

**Carlos Gomes:** É, mas ele só vai querer se for aquele pleito que ele reclama, eu vou estudar. Eu gostaria...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** De qualquer maneira o que eu, a minha, realmente colocação principal é a seguinte: se por acaso desse processo, vamos dizer assim,

processo no sentido *lato sensu*, aqui na Comissão da Verdade, resultar em algo de uma restituição de direitos e tal, talvez seja o caso desta Comissão, que não tem esse objetivo e sim só revelar a verdade e que já seria alguma coisa da Comissão fazer, finalmente, alguma coisa de justiça de quem foi injustiçado.

**Carlos Gomes:** É, vou pedir que vocês se aprofundem um pouquinho mais nisso. E vou estudar, eu li o Decreto... Hum, é!

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Ele foi formado antes da Lei, do Decreto... tem que ver o Decreto, é... então nós vamos fazer o seguinte: eu vou pedir, você passa para os meninos isso, eu vou designar relator desse processo Moisés, que é o representante dos funcionários...

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Muito bem, os bolsistas, eu recebi o relatório de vocês viu, recebi, já estou anotando! Nós vamos fazer uma reunião de avaliação brevemente e eu quero que por enquanto vocês me estudem a possibilidade de fazer essa resenha pra gente começar a publicar o material.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Presidente, eu gostaria primeiro de me desculpar pela minha ausência sexta-feira... e comunicar, previamente, me justificando, eu estava fora, peço que daqui pro fim do ano eu ainda tenho mais três, eu espero que a gente consiga mudar este dia daqui pra lá, depois que terminarem as gravações. Segundo, é um informe: eu estive com, passei uma tarde, com Roberto Monte, lá no Centro dele, e ele pediu que eu relatasse aqui a programação que eles têm de fazer quatro eventos pra o lançamento de quatro livros, a ordem cronológica é: *O inquérito da base aérea contra o Partido Comunista Brasileiro – 1952-1953*; O relatório do inquérito, todos esses ele tem os documentos, o segundo, pela ordem cronológica, é o do Major Lacerda, Ênio Lacerda... são dois, Lacerda tem outro; terceiro grupo são dois inquéritos da prefeitura do Natal, um é sobre... e outro é financeiro, que ele não está dando muita importância a esse, e um de Severino Lopes, e os dois nossos... que é o Relatório da Comissão Genário FôNSECA, né? E o do Restaurante, ele

quer lançar agora esses quatro livros, e nessa conversa, ele está querendo uma articulação pra ver patrocínio para os livros e eu disse a ele que é muito justo, ele quer fazer esse da Universidade junto com a nossa Comissão o que é muito justo...

**Carlos Gomes:** [Inaudível] Aí diz que logo depois eu libero os documentos, está certo? Não é coisa pra agora, né?

**Almir Bueno:** É, esse material já está pronto pra ser publicado?

**Carlos Gomes:** Já, já estão prontos... Ele já está anunciando...

**Almir Bueno:** Pronto, porque é isso até que tem um pouco a ver com o informe que eu dei a semana passada, a Comissão Nacional da Verdade vai estar aqui em Natal no Simpósio Nacional de História, que em julho, não sei se, né? A gente está em março, mas é um tempo razoável até pra fazer algum tipo de lançamento... vai ser aqui em Natal... e a professora Margarida, que é uma das organizadoras do evento, que é a diretora da Editora da UFRN, também pode se ver algum tipo de negociação...

**Carlos Gomes:** Eu encaminhei a Roberto, Roberto não sabia que ia haver essa...

**Almir Bueno:** [Inaudível] Comissão Nacional da Verdade vão fazer uma audiência... é o Simpósio Nacional de História, a cada dois anos se...

**Carlos Gomes:** Bom, a ata. Pronto, então eu considero a... submeto a... da ata... apenas vai ser alterado o número da... você providencia... bom, hoje os informes... depois a gente pode continuar conversando com o pessoal bolsistas mas o professor Rinaldo Barros aqui, nós não podemos mais fazer com que ele... professor Rinaldo, primeiro, boa tarde, obrigado pela sua gentileza. Pois não, o senhor tem sido citado em vários depoimentos já prestados aqui e parece que historicamente há um fato que você foi o único punido pelo Decreto 477... foi o único cassado e o Juan Almeida conseguiu uma razoável documentação sobre seu caso, então tem vários documentos aqui relativos a sua passagem, a sua trajetória... pois não...

[Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, vocês querem ver minha cara.

**Carlos Gomes:** Eles quererem fotografar. Depois a gente vai precisar de tudinho pra o site da Universidade. É... ele estava aqui aí depois saiu. Então, professor Rinaldo, eu gostaria, pra gente começar a nossa entrevista que você fizesse a sua apresentação, nós estamos gravando...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Vocês querem que eu...

**Carlos Gomes:** Primeiramente se qualifique...

**Rinaldo Claudino de Barros:** A minha dúvida é se eu começo somente da questão agora já estudantil aqui em Natal, porque eu não sei se todos sabem, eu sou de Recife e eu vim pra Natal e já participava de movimentos bancários, estudantil...

**Carlos Gomes:** Você vai dizer o que você quiser, agora eu quero logo que você se qualifique, por exemplo, seu nome e tal, pra gente registrar, quando for ouvir...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Então eu não vou dizer quase nada, viu, porque eu menti muito, pra vocês aqui eu não vou mentir. É, eu sou Rinaldo Claudino de Barros, nasci em Recife, filho de pai operário, meu pai era marceneiro, minha mãe era uma doméstica e... ou seja, fui menino pobre em Recife e a partir de 13 anos de idade comecei a trabalhar, não para comprar sorvete, mas pra sustentar a família, porque meu pai abandonou minha mãe e ela ficou sozinha, eu era arrimo de família então. Estudei todo o meu curso médio à noite, já trabalhando, e já participava a partir dos 17 anos de movimentos sociais, havendo me filiado ao Partido Comunista Brasileiro com 17 anos, na Juventude do Partido Comunista Brasileiro em Recife. Nessa época, eu pertencia, fazia o meu trabalho social em Clubes Literários, Recife tem uma tradição, acho que até hoje é mantida em alguns bairros agora, mas na época era quase praticamente todos os bairros. Tem um clube lítero-recreativo, cada bairro tem um clube lítero-recreativo e nós participamos de um com o nome de Monteiro Lobato e era aí que o Partido atuava e eu fui, digamos, filiado, recrutado, aos 17 anos. E o meu primeiro emprego

formal com carteira assinada foi num banco americano, CityBank, que eu entrei como *office boy* e fiquei 3 anos trabalhando e, evidentemente, como já era filiado ao Partido, tive a missão de participar do trabalho do movimento bancário, do sindicato dos bancários, chegando inclusive a ser membro da diretoria... E foi aí que eu tive a primeira prisão, por isso que eu perguntei se eu começava de Natal, aí fui preso pela primeira vez em função do movimento bancário, mas em Recife. Fui demitido do banco, evidentemente, e fui solto, que foi uma prisão só de 50 dias e eles me soltaram porque realmente, 1965 – um ano depois do golpe –, que na época todos nós achávamos que não demorava mais um ano, o golpe era uma coisa sem nenhuma força e que dentro de um ano a democracia seria restaurada, um erro de análise de apenas 25 anos, nós achamos que ia durar somente 12 meses e durou 25 anos. Pois é, isso então, a partir dessa prisão eu tive a informação a partir dos advogados que eles ia decretar minha prisão preventiva, nunca fui de esperar tempo ruim, então é claro que eu não esperei a prisão preventiva ser decretada, eu vim pra Natal, vim e em 66 em cheguei a Natal, né? E cheguei ainda a tempo de fazer o primeiro vestibular da saudosa Faculdade de Sociologia e Política que não era ainda da Universidade Federal, funcionava na Fundação José Augusto, junto com o curso de Jornalismo, Faculdade de Sociologia e Política, aliás, eu tenho dois diplomas desse mesmo curso, uma curiosidade, porque antes de eu concluir, o meu curso foi o mais longo da história da faculdade e foi aí que houve a cassação, né? Eu fiz um curso de quatro anos em oito, três foi de cassação e depois teve mais dois de prisão, a segunda prisão. O curso era da Fundação José Augusto, é junto com a Faculdade de Jornalismo, que também era da Fundação José Augusto e aí depois, muito depois, uns 10 anos depois foi que a Universidade absorveu com o nome de Curso de Ciências Sociais.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, aí passou uns dois anos, uma espécie de transição, as aulas ainda eram na Fundação José Augusto, mas os diplomas já tinham que ser reconhecidos pela Universidade Federal, aí depois foi que veio fisicamente pra cá, mas teve esse período de transição de dois a três anos, aí é por isso que eu tava dizendo que eu tenho dois diplomas, porque depois eu tive que pagar algumas disciplinas aqui e me deram um outro diploma do mesmo curso, eu tenho o curso então da Sociologia e Política e tenho um curso de Ciências Sociais, mas na verdade é o mesmo curso. Eu paguei umas duas ou três disciplinas somente para poder ganhar esse outro diploma. Eu até faço o apelo que me façam pergunta para

interromper porque eu não organizei nenhum roteiro e eu não sabia nem como é que funcionava a Comissão, eu pensei que vocês já tinham aqui como o Delegado da Polícia Federal tem já um relatório e aqui vocês não têm nada, fica mais difícil pra gente, se lembre que é mais de 40 anos, viu?! Os neurônios aqui não são tão novinhos mais não.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, a prisão foi depois de 64, mas desde os 17 anos que eu já atuava no movimento estudantil dentro do Colégio Estadual de Pernambuco, no casarão ali da Rua da Aurora, eu fui presidente do grêmio lá do colégio estadual de Pernambuco, aí já era Ensino Médio ainda.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Claro!

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, apenas sabia que ele existia, mas não... quem me recrutou para o Partido Comunista Brasileiro foi Davizinho, Davi Capistrano Filho, nós éramos da Juventude, ele era o líder da Juventude do Partido e foi ele que me recrutou.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É um dirigente Nacional, ele vinha a Recife dar assistência às bases do partido, mas dificilmente tinha contato com a juventude, principalmente quem estava ainda começando e tal, que gente entrava, mas desistia, saía etc.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, perfeito, é verdade.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É. Bom, é no primeiro momento do golpe é... como eu disse a vocês, ninguém acreditava que aquilo ia perdurar duas gerações. É, e a minha vinda para Natal era como se fosse uma coisa provisória “enquanto passa a chuva, esse golpe vai desaparecer, eu volto pra Recife”. O plano era esse, mas chegando aqui estava aberto o vestibular pra Faculdade de Sociologia, aí eu fui fazer vestibular de Sociologia.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** 66, esse foi o primeiro vestibular dessa Faculdade lá na Fundação José Augusto. E aí começamos a organizar o diretório acadêmico, eu fui o segundo presidente do diretório acadêmico, chamava diretório acadêmico Josué de Castro e aí veio o segundo golpe, que foi em 68 como o AI5, dia 13/12/1968, aí é o golpe dentro do golpe, o endurecimento das propostas dos militares, inclusive alijando alguns generais que não concordavam com esse endurecimento, queriam entregar, os militares tomaram o poder mas eles não sabiam muito o que fazer com aquilo, mas no endurecimento em 68 a coisa foi pra valer, aí tinha planos quinquenais etc. e tal, foi pra se reorganizar, a partir daí é que a gente pode falar em ditadura, a partir de 68.

**Carlos Gomes:** Rinaldo, só uma pergunta, você entrou em 66, ninguém mexeu com você por quanto tempo?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Até eu ser eleito presidente do diretório porque aí a gente organizava passeata, até os trotes daquela época eram políticos, não eram como hoje que é todo mundo só pintado e pedindo dinheiro nos sinais não, os trotes eram passeatas políticas, criticando a Guerra do Vietnã, criticando o governo, aí ficou até 68...

**Pessoa não identificada:** Em 68?

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, por dois anos no caso, entrei em 66, em dois anos houve o endurecimento e eu fui cassado, agora é curioso também, é importante que fique registrado que o motivo da minha cassação, apesar de eu ser o presidente do diretório e fazer toda essa movimentação política não tem nada a ver com essa movimentação. A minha cassação é o seguinte, acabou o meu mandato, ia acabar o meu mandato de presidente do diretório e eu convoquei eleições... pregando na porta das salas etc. e tal. O diretor de então na época me chamou na sala dele, o diretor da Faculdade – o professor Itamar de Souza, na época ele era padre, agora ele não é mais padre, pesquisador e tem algumas pesquisas interessantes, ele me chamou na época dizendo que queria, que ia lançar um nome pra presidente do diretório e queria que eu apoiasse o nome dele. O nome que ele ia indicar. Eu tomei um susto que eu não esperava jamais que isso fosse proposto pra mim, mas ele achava que podia, diante do endurecimento do golpe, que eu ia ficar com medo e eu ia fazer isso. Eu disse: “olhe, eu nem vou apoiar o seu candidato e vou fazer mais uma coisa, eu vou de sala em sala agora ainda agora de noite e vou dizer que você fez essa proposta”. E fui.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não sei, ele não chegou a me dizer não, mas a gente supunha que tinha alguns tenentes da polícia do Exército infiltrados no movimento estudantil, eu imagino que era um desses Tenentes, existiam alguns Tenentes estudando na Universidade que entravam, tinha vestibular, mas o do Tenente a prova não era muito rigorosa a correção não, então eles entravam. É, e aí eu fui de sala em sala e foi esse o motivo da minha cassação, avisei que o diretor tinha feito essa proposta e no outro dia achei pouco fazer só falando e no outro dia eu fiz uma espécie de boletim do diretório com o mesmo conteúdo, pra todo mundo tomar conhecimento da tentativa de dobrar, de subornar do diretor e isso ele levou esse papel que eu fiz contando a história verdadeira, que ele tinha feito a proposta, ele levou pro General da época, não me lembro qual era o nome, acho que era Duque Estrada, Duque Estrada é o nome do General, ele levou pro General e daí em diante ele voltou com a instrução de que era pra instaurar um inquérito e que era para cassar, aí tem outra coisa que eu boto entre parênteses assim, que nessa época que começou o inquérito de cassação eu tive 48 horas pra apresentar minha defesa, que não foi lida, só foi colocada dentro do processo e pronto.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Da minha cassação foi isso aí, a proposta dele indicar um candidato e eu apoiar.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não, saiu na mídia, né, mas no inquérito não. Porque o Decreto 477 é um absurdo jurídico, não sei se vocês tiveram acesso de ler, qualquer coisa que o diretor cismasse com um aluno e quisesse acusar aquele por subversão, a palavra chave, né? Ele fazia. Se um aluno fosse pego, o aluno que o diretor não gostasse, fosse pego com uma caixa de fósforos no bolso ele podia dizer, acusar o aluno que ele ia tocar fogo na Faculdade, “esse é um terrorista e vai tocar fogo na faculdade”, pronto e tava cassado. Agora, felizmente, isso só aconteceu uma vez, eu fui a única vítima e virei um ser, objeto de curiosidade, porque só ele foi cassado, houve outros que os diretores tentaram, fizeram o inquérito etc. e tal mas não chegaram a conclusão realmente de cassar e eu perdi 3 anos de minha faculdade, 3 anos sem poder estudar em 68 faltava um ano pra eu concluir, faltavam dois anos, um ano e meio. Dezembro de 68, o golpe, o endurecimento foi em dezembro, então esse inquérito deve ter sido em 69. Faltava um ano pra eu terminar a faculdade, então eu fui cassado só que coincidentemente nessa época...

**Carlos Gomes:** Cassado que você diz, foi expulso?

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, mas o termo do Decreto 477 é cassação.

**Carlos Gomes:** Mas você não perdeu o direito político, não?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, nesses três anos sim. Perdi a faculdade e os direitos políticos, aliás, direitos políticos não fazia muito sentido naquela época porque não tinha eleição, né? Não tinha eleição pra nada, nem pra vereador, nem pra presidente da república, pra nada, então perder direito políticos não fazia muita... não tinha muito efeito e o que fazíamos a diferença era a cassação de você estudar, você adiar 3 anos uma formatura não é brincadeira.

**Carlos Gomes:** Você foi preso, né?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, e aí foi nesse período da cassação que eu fui preso. Foi a segunda prisão, aí eu fiquei com dupla punição: cassado e preso.

**Carlos Gomes:** Foi preso por quanto tempo?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Fiquei preso exatamente dois anos, cravado. De março de 72 a março de 74. Sendo que nessa época, 72 até março de 74...

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** 69

**Rinaldo Claudino de Barros:** 69. Quando estava terminando a cassação, eu fui preso.

**Carlos Gomes:** Aí você... a Faculdade como é que ficou? Você foi jubilado?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu voltei, não, eu concluí o curso, o curso que eu estou dizendo é que meu curso durou 8 anos, quando terminou a cassação aí ficou outra coisa, além de, é...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** 3 anos, era 3 anos. Não tinha, como é que chama essa, não era facultado você dizer é um ano, um ano e meio, dependendo da gravidade, não era... foi cassado é 3 anos. Toda pena de quem foi cassado nesse... era 3 anos, não tinha dosimetria não...

**Carlos Gomes:** Mas foi preso duas vezes, passados os três anos?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso, só que não foi na sequência foi ainda dentro do tempo da cassação eu fui preso.

**Carlos Gomes:** E você retornou e terminou...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu concluí em 74.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, foi 74, porque março eu fui solto e aí ainda dava tempo de frequentar e aí eu fui e dezembro de 74 eu concluí o curso.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era difícil saber porque eles agiam com um mutirão, eles tinham um movimento chamado DOI/CODI e tinha pessoas desde a polícia civil e tinha pessoas das forças armadas etc. e tal dividido em mais ou menos 3 equipes: equipe de busca e apreensão, equipe de interrogatório – que eram os torturadores – e depois uma equipe de análise. Então houve, bom, por isso que eu posso contar. Apesar de estar morando em Natal eu trabalhava num órgão federal chamado SETEMER, que não existe mais hoje, era um órgão ligado ao Ministério da Educação para o ensino técnico. Foi uma coisa muito boa que a ditadura fez foi incentivar o ensino técnico, criando isso para desenvolver o ensino técnico no Nordeste, eu era assessor técnico dentro desse órgão e nesse momento da minha prisão eu estava em São Paulo participando de um encontro nacional do ensino técnico e aproveitei, evidentemente, pra fazer finanças pra minha organização, que na época não era mais o Partido Comunista Brasileiro, era uma organização que estava começando a ser organizada no Nordeste e nasceu, cresceu e morreu aqui no Nordeste e existiu apenas em alguns estados do Nordeste cuja sigla era PCR – Partido Comunista Revolucionário – ele existe ainda hoje, mas existe com outra roupagem. Na época nós tínhamos um documento-base que chamava “Carta dos dozes pontos”, que hoje eu leio, eu tenho a cópia dessa carta, eu esqueci de trazer pra vocês, como não sabia, pensei que a gente ia se prender aqui. É uma coisa quase infantil, a “Carta dos dozes pontos”, pra resumir, a gente pregava a separação do Nordeste do resto do Brasil e tomar o poder pela luta armada e assim cada um com um revólver na mão...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era talvez muita influência disso, né?

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Então são coisas muito ingênuas, na verdade, eu acho que a esquerda brasileira inteira, vou pedir pra fazer um rápido parêntese aqui. A minha opinião é que a esquerda toda, até a fundação do Partido dos Trabalhadores é uma coisa muito romântica, não é mais romântica de que, baseada teoricamente. Muito pouca gente lia e conhecia o marxismo etc., os líderes nacionais eram Carlos Aratide, o pai do atual deputado, né? Porque tem um deputado em São Paulo hoje, que é Carlos Aratide, mas foi o pai dele, era o pai dele, Manoel Lisboa...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, o ator é o irmão.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não, o ator era irmão de Carlos Aratide é...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Desculpe, Carlos Aratide era o ator. É... o nome, o líder, é Ricarlos Aratide, é perfeito, e Manoel Lisboa que era alagoano, não, Ricarlos Aratide é paulistano e tinha um outro que era um camponês que eu conheci, Amaro, eu só sabia o primeiro nome e o apelido, o nome de guerra, que era Ventania, mas o nome completo dele eu nunca soube, ele foi assassinado na cadeia, Amaro, na casa de detenção em Recife, envenenado... é... onde é que eu tava?

**Carlos Gomes:** Você estava no encontro de São Paulo?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, minha prisão, então eu estava nesse encontro de São Paulo e aí aproveitei pra fazer finanças para o PCR e evidentemente aqui em Natal houve uma pessoa, eu não sei se eu devo dizer aqui que foi preso aqui e tudo que ele sabia, todo mundo que ele conheceu, que ele conhecia da organização ele é foi dentro do carro da polícia e entregou de um por um, casa por casa, dizendo é ali, é ali, na casa do estudante ele foi no beliche, dizia é esse beliche de cima aqui... não sei se eu devo...

**Carlos Gomes:** Deve a comissão é da verdade.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É tudo bem, é ele hoje é uma autoridade, é o atual superintendente do IBAMA, Alvamar Queiroz. Então eu fui preso nessa indicação também, ele foi inclusive lá em casa e disseram não ele tá em São Paulo, a polícia chegou lá em casa e minha família disse que eu tava em São Paulo. Eu fui preso no hotel, fui levado para a operação bandeirantes, lá em São Paulo, mas lá em São Paulo eles só fizeram me identificar e tal e não houve nada.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** A prisão, em 72, março de 72, eu não me lembro a data mas eu tenho o alvará de soltura, é a mesma data, coincidência muito grande, mesma data que eu fui preso é a mesma data do alvará de soltura.

**Carlos Gomes:** Você ainda não havia retornado pra natal?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, eu estava em São Paulo, com o meu diretor, inclusive, certo? E fui preso, fui levado pra operação bandeirantes, passei mais ou menos uns 5 dias lá e vim em avião de carreira com um oficial algemado com a mão pra trás, o oficial comigo, num avião de carreira normal, chegou em Natal ele pegou dois soldados da Aeronáutica até me botar dentro do carro e aí em, em Natal, não, em Recife, desculpe, em Recife, eu de São Paulo pra Recife com esse oficial e aí em Recife começou a sessão de tortura. Foram 28 dias no DOI/CODI que funcionava nos porões, parte de trás do Quartel General do Exército.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, aí nessa época, porque a gente está hoje vivendo, respirando a liberdade democrática...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros** Fui pra Recife, é...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não foi só 28 dias em Recife, porque é assim, hoje a gente respira liberdade democrática e não faz sentido você ser preso sem ser preso, mas a gente era preso e não tinha condição de preso. Era sequestrado. Eles não diziam à família, não diziam a ninguém. Se você próprio perguntasse a qualquer quartel, seja lá, eles diziam que não, “ninguém sabe dele não”, “ele desapareceu aí problema dele”. Então esses 28 dias eu passei não era nada, eu era sequestrado e podia desaparecer, morrer, fazer qualquer coisa porque não tinha condição de preso, cuja obrigatoriedade do estado é defender a integridade do preso, à medida que você é preso passa a ser responsabilidade do Estado, mas nesse período não tinha isso.

**Carlos Gomes:** Incomunicável?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Incomunicável total!

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Que muita gente desapareceu, foi morta etc. e tal.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era o governo Médici, que foi a parte mais cruel da ditadura, o governo Médici.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** E inclusive essa organização que eu participava ela praticamente foi dizimada, todos os dirigentes foram mortos, daqui de Natal quem era dirigente nacional à época que eu já estava preso foi Emmanuel Bezerra, acho que vocês já devem ter ouvido falar, presidente da Casa do Estudante...

**Carlos Gomes:** Ele era desse partido?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Ele era da Faculdade de Sociologia também, era dirigente nacional, eu não, eu era dirigente estadual aqui e ele era o nacional, junto com Manoel Lisboa e Ricarlos Aratide e Amaro...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Foi de 28 dias e aí você pergunta: por que é que você escapou, né? Em Recife, eu encontrei duas pessoas mais que estavam presas também da mesma organização, um deles era um motorista da Coca-Cola, Albano não tem problema de eu falar o nome dele porque está no inquérito que eu trouxe inclusive cópia pra vocês aqui. Aliás, não é no inquérito, eu tenho cópia aqui da defesa do meu advogado e numa das sessões de tortura eu, estou emocionado, desculpem...

**Carlos Gomes:** Não, fique à vontade.

**Rinaldo Claudino de Barros:** É... eu tinha decidido que ia morrer, eu decidi: “eu vou morrer, não tenho, encerrou a minha aqui”. Então eu fazia uma tática suicida que quando eles começavam a bater eu também batia neles e era pra morrer mesmo, um suicídio, uma tentativa. Várias vezes eu fiz isso e numa das vezes que eu desmaiei eles me jogaram na cela lá chutando, me jogaram na cela junto com Albano. Albano estava nessa cela só que a equipe do interrogatório não sabia que era da mesma organização, porque era proibido colocar na mesma cela pessoas que pudessem combinar alguma coisa e aí nós passamos a noite conversando, a noite que eu digo não tenho certeza se era noite porque as celas nos porões da

ditadura eram o tempo inteiro escura, com a luz acesa, então você não tinha noção se era de madrugada, se era de manhã, se era de tarde. O cenário era sempre o mesmo, eu estou dizendo porque... como a impressão que eu tinha era que era noite e ele disse algumas coisas que os torturadores já sabiam e eu decidi: “então não vou mais morrer, eu vou dizer o que eles já sabem e eles vão acreditar em mim porque como vai coincidir o que eles sabem, com o que eu estou dizendo” e eu falei e tenho orgulho muito grande de ninguém ter sido preso a partir da minha boca e na época eu era um dirigente estadual que conhecia pelo menos uma centena de pessoas aqui no Rio Grande do Norte, era em Natal, mas também tinham pessoas no interior, em alguns lugares do interior.

**Carlos Gomes:** Rinaldo, quando você esteve preso em Natal...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aí chegou a primeira etapa, quando eles me trouxeram de Recife foi no 16 RI, no Quartel do Exército, né? Ali na Hermes da Fonseca. Mas aí foi uma coisa de mais ou menos uns dois meses e depois fomos transferidos, eu e mais dois, eu, Albano e Mauricio Formiga.

**Carlos Gomes:** Mas Albano veio para Natal também?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Albano já estava aqui quando eu cheguei, ele e Mauricio já estavam aqui.

**Carlos Gomes:** Sim, mas quando você falou que estava numa cela com ele, ainda era em Recife?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era em Recife, lá no DOI/CODI em Recife, aí só foi esse, depois que eles separaram eu não vi mais Albano, aí Albano foi também muito torturado, inclusive no quartel da... eles levaram depois desse dia, eles levaram ele pra outro quartel, se eu não me engano o Quartel da PE, Polícia do Exército.

**Carlos Gomes:** Então do 16 que você disse, você foi pra onde?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Para o que, na época, chamavam “Caldeirão do Diabo”, a...

**Carlos Gomes:** A João Chaves!

**Rinaldo Claudino de Barros:** João Chaves, mas existia lá uma separação, pelo menos isso passou a ser humanizado é a gente não ficava junto com os presos comuns.

**Carlos Gomes:** Mas aqui você foi torturado?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, aqui aí acabou, aí eu passei a ser preso, aí começou o inquérito na Polícia Federal, enquanto eu estava no Quartel do Exército eu acho que eu fui umas três ou quatro vezes no cartório da Polícia Federal prestar depoimento e aí evidentemente a agressão já era outra, diferente, porque eu já tinha outro aí já começava o mundo jurídico.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aí já tinha advogado, exatamente!

**Carlos Gomes:** Quem era seu advogado?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Boris Trindade, do Recife.

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** E depois Mércia, os dois são falecidos. Doutora Mércia foi minha segunda advogada.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Muita gente, muita gente...

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aí como eu estava dizendo, teve a separação lá, né? Eles tinham lá uma cela que era de castigo, ou seja, cela de isolamento para os presos comuns, mas aí acabaram essa cela de castigo, e ela virou cela pra preso político, nós ficamos nessa cela de preso político.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** O inquérito policial militar, não, depois, o inquérito é na Polícia Federal o processo na justiça militar em Recife também que era regional, né? Existe um Tribunal Regional da Justiça Militar, existe até hoje, houve julgamento...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Dois anos, por isso que eu tirei os dois anos. Na época, a acusação do promotor foi tão ridícula que ele pediu prisão perpétua pra mim.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Evidentemente que o inquérito era muito mal feito, ora, se hoje os inquéritos são mal feitos, imagine naquela época? Aí então o advogado de defesa que era muito experiente não teve dificuldade nenhuma de reduzir de prisão perpétua pra dois, né?

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Mas isso é um atropelo muito mais pra família, o sofrimento é muito maior pra família do que pra vítima, né?

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu acho que é regional, o tribunal pelo menos é regional.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, eu não sei dizer com certeza.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Acho que era mais incompetente, né?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mais próximo da justiça.

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, não sei, eu não concordo com isso não, talvez eles fossem mais incompetentes, eu vou lembrar aqui uma...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Porque o número de *habeas corpus*...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, era, chegavam a ser conseguido *habeas corpus*...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Era muito maior do que...

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, então pode ser, de repente eu não tenho esse, pelo menos é a impressão e a informação, eu não sei.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É... pode ser que... porque no governo Médici tudo era muito duro e era pra arrebentar mesmo, uma das táticas do meu advogado foi que uma das testemunhas era um Sargento do Exército. Olhe que maluquice, você num inquérito político militar e a testemunha de acusação ser um Sargento do Exército, é claro que ele estava ali coagido pelo comandante: “vá lá e diga que...”. Aí a tática do meu advogado foi, estávamos três – eu, Albano e Maurício –, o advogado disse: “eu só tenho uma pergunta para o senhor, diga quem dos três aqui é o Rinaldo?”. Ele não soube dizer, coitado, aí desmoralizou a testemunha. Porque era...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** A acusação era...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, eram coisas concretas, fatos concretos, ações concretas que eu tinha participado.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mas como membro...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Como membro do Partido Comunista. Bom, aí eu cumpro os meus dois e saio em 74 pra concluir minha faculdade, faltava um ano, concluí a faculdade e o partido estava dizimado.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Pode fazer, eu sou bem-humorado, apesar de tudo.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Passado esse tempo todo a gente pode fazer... coincidiu com a sua prisão uma parte da suspensão, né?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, um ano coincidiu.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ah, só um ano.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Foi, porque a cassação foi em 68 no final 69 já. Porque teve o inquérito, um mês e pouco, né? Então, deve ter sido em fevereiro, por aí assim de 69, a cassação.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, aí praticamente prescreveu isso, né? Já tinha passado os 3 anos, já tinha cumprido minha... Eu só retornei, na verdade, 5 anos depois.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Só pude retomar depois que fui solto.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, exatamente!

**Carlos Gomes:** Aí você falou que depois voltou a fazer novamente...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, aí foi a absorção pela Universidade Federal, do curso de Sociologia e Política.

**Carlos Gomes:** Sei.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aí é uma questão pedagógica, administrativa.

**Carlos Gomes:** [Inaudível] Você recebeu o diploma?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Paguei 3 disciplinas, que eu não lembro agora quais foram. Isso foi já em 76, 77. 76, eu acho.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu tive que pagar, mais ou menos 2 semestres de disciplina pra poder receber o diploma da federal aqui.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, mais ou menos dois semestres.

**Carlos Gomes:** Me diga uma coisa, você... Diga.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, é porque eu tenho um vínculo com a Universidade Federal.

**Carlos Gomes:** É isso que eu queria saber.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Um vínculo como profissional, como professor. Quando eu concluí meu curso eu fui aprovado na seleção pra fazer o mestrado na UNICAMP. Isso 67, 68.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, acho que sim. Não, não, tem que ter... 77, 78. Depois que eu já tinha o diploma da Universidade Federal, eu fui aprovado na seleção do mestrado da UNICAMP em Sociologia. Mestrado em Sociologia na Universidade de Campinas. E eu pleiteei e consegui que a Universidade Federal pagasse uma bolsa pra mim. E eu fiz o mestrado em Sociologia na UNICAMP financiado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Assinando um termo de compromisso de que, ao terminar o mestrado, eu teria que regressar pra Natal e ser professor da Universidade Federal. Quem assinou isso fui eu. A Universidade me contratou para quando eu terminasse o mestrado. Eu terminei o mestrado e antes de ser contratado meu processo desapareceu do Departamento de Pessoal. Desapareceu e não foi pra lugar nenhum. O protocolo da época dizia que saiu do Departamento Pessoal pra onde ninguém sabe.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** A minha contratação.

**Carlos Gomes:** Você terminou o mestrado, chegou aqui, aí...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Pensei que ia ser contratado, né? Cheguei aqui, a moça do Departamento Pessoal disse: “não, o seu contrato, o seu processo aqui desapareceu” e até hoje. Eu tenho os comprovantes do recebimento da bolsa. Está aqui. Trouxe pra vocês

documentarem. A bolsa era numa conta na Caixa Econômica que eu recebia lá em Campinas, etc. tal. Isso é a defesa do meu advogado...

**Carlos Gomes:** Sei. Isso aqui é um pleito posterior?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aqui eu tenho um laudo, que eu também achei curioso pra ficar, que é um laudo que, sob tortura, principalmente com choque elétrico, eu sofri um trauma em 5 vértebras e é quase um milagre, eu não sou religioso não, mas se eu fosse acreditaria que é um milagre hoje ter todos os movimentos e fazer flexão... 5 vértebras soldadas, é como se fosse uma peça só. Então está aqui o laudo do Hospital das Clínicas daqui da Universidade. Sim, aqui tem dois, na época existia uma coisa que, a juventude aqui nunca ouviu falar, chamado radiograma. Radiograma é, mais ou menos, um telegrama, sabe? E-mail é claro que não existia, ninguém sabia o que era isso.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** É. Então tem aqui a prova da correspondência do pró-reitor daqui da Federal com o meu coordenador lá na UNICAMP. E aqui os comprovantes do recebimento da bolsa. Equivale a uns 8 ou 10 meses aqui. Porque aqui é um processo, uma defesa apresentada pelo meu advogado hoje, ainda está hoje no Supremo Tribunal Federal. Não sei se eu alcançarei ainda o desfecho, dia do julgamento. Esse aqui. Já foi, e já ganhei essa causa aqui 6 vezes. Já ganhei 6 vezes. No juiz singular, no Tribunal Regional em Recife (duas vezes), depois no Superior Tribunal de Justiça mais duas vezes, completou 6 julgamentos e eu ganhando. Todas elas eu ganhei. E a União recorreu em todas elas e hoje está no Supremo.

**Almir Bueno:** Qual é o pleito?

**Carlos Gomes:** Qual é o seu pleito?

**Rinaldo Claudino de Barros:** O meu pleito é uma indenização. Por danos morais e...

**Carlos Gomes:** Mas não de regressão pra Universidade?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, na Universidade eu só, porque eu... vou fazer um comentário aqui. Essa ação de contratação posterior não prosperou porque o meu advogado hoje é ex-reitor da Universidade Federal e ele, pelo que eu vim saber depois que já estava dentro dos tribunais, foi que eu tive a curiosidade de ler a petição, você confia no advogado né? Ele, eu tinha, na época, dois empregos, quer dizer, dois vínculos federais que é a SETEME, na época da prisão e a Universidade Federal que foi depois do mestrado, também é um vínculo federal. Ele, na petição que fez pra justiça, omitiu a Universidade Federal. Tá tramitando apenas com o argumento do vínculo com o SETEME, foi perda de emprego por conta da prisão etc., mas só com SETEME. A Universidade ficou fora, ele não usa como argumento essa documentação que eu estou passando pra vocês aqui. Apesar de eu ter cedido pra ele. Mas eu deduzo hoje que é porque, como ele foi reitor, então ele quis deixar a Universidade fora dessa encrenca.

**Carlos Gomes:** Mas eu lhe pergunto, eu estou com uma pequena dúvida, você foi fazer esse curso e quando chegou seu processo tinha desaparecido?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso.

**Carlos Gomes:** Então, você não chegou a... nenhum documento?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu fiz alguns requerimentos administrativos para o pró-reitor, para o reitor...

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não, porque era exatamente o processo de contratação, desapareceu.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, mas isso foi agora. Essa entrada na justiça foi agora. Faz 5 anos.

**Carlos Gomes:** Mas você disse que ele não falou do seu vínculo com a Universidade?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, ele...

**Carlos Gomes:** [Inaudível] É esse da promessa...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Da volta do mestrado, ele não usou isso no argumento, só usa a perda do emprego do SETEME. E eu não prestei atenção na época, ele deu entrada, não li a petição. Vim ler agora, faz um ano, mais ou menos, que eu li. Pra minha surpresa, a Universidade estava fora da argumentação. Mas bem, nós estávamos aonde?

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Almir Bueno:** Agora, depois da saída...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** O meu orientador...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aqui, o pró-reitor está aqui, Marcos Antônio, não lembro o nome dele todo e o meu coordenador lá e orientador também da dissertação era professor Edmundo Fernandes Dias. Até hoje ele é, se ele não aposentou, só teve um vínculo na vida dele.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É. Está aí a correspondência que eu dei pra vocês.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Marco Antônio Cavalcante Rocha, Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação.

**Carlos Gomes:** Que era sogro de Domingos Gomes de Lima.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Ô, aqui uma das correspondências dele para o meu coordenador é assim: “bolsa será paga desde março”. O radiograma dizia isso. Bolsa será paga desde março. Saudações, Marco Antônio, Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação.

**Carlos Gomes:** E foi paga?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Foi, durante dois anos eu recebi. Sem ela, eu teria desistido do mestrado. Eu não tinha condição de...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Carlos Gomes:** Quem era o reitor na época? Era Domingos, não?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era Domingos Gomes de Lima.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** [Inaudível] Cunhado não é parente.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Bom, o que mais gente? Pra ir pra reta final aí?

**Almir Bueno:** ‘Tá’. O senhor não foi contratado?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não!

**Almir Bueno:** Aí a trajetória...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, aí, bom aí, eu vou cuidar da minha vida. Passei a ensinar na embrionária da UnP hoje, que na época era APEC/UNIPEC, fui ser professor lá na APEC/UNIPEC, devidamente explorado, com 10 reais a hora. Fui, inclusive, um dos... o meu currículo foi no processo de autorização de funcionamento da então APEC/UNIPEC.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Pra legalizar a...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eram 3 cursos na época. Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração. Isso aí era em 4 salas alugadas no Colégio Salesiano e só tinha aula à noite. Que era exatamente o horário que o Colégio Salesiano não funcionava, então eles alugaram 4 salas e foi assim que começou...

**Carlos Gomes:** Foi o primeiro ano da UNIPEC, foi lá?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Foi, foi lá no Salesiano, mas eu já era professor naquela época e fiquei professor até 87 da UnP, quando fui aprovado num concurso em primeiro lugar da Universidade do Estado. Em 88 assumi na UERN.

**Carlos Gomes:** Na UERN, né?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Que na época também era outro nome.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era Fundação não sei o que...

**Carlos Gomes:** Qual o ano?

**Rinaldo Claudino de Barros:** 88. Minha contratação foi 1º de setembro de 88.

**Carlos Gomes:** Você ainda é professor da UERN?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Agora, desde o ano passado, sou inativo, pra não dizer aposentado, porque fica coisa de velho.

**Almir Bueno:** Em Mossoró?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, eu já dei aula em tudo quanto foi canto. Mossoró foi 3 anos e meio. Depois eu fui fazer doutorado, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Só quando eu voltei do doutorado eu não fui mais pra Mossoró, fiquei no campus aqui de Natal.

**Carlos Gomes:** Aí eu lhe pergunto, você foi fazer mestrado pela UERN?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, o mestrado...

**Carlos Gomes:** Doutorado, perdão.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Doutorado pela UERN. Sim, aí já era com salário digno etc. Acabou tempo ruim...

**Carlos Gomes:** E fora da Universidade, você é jornalista também?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, eu sou um curioso, apreciador.

**Carlos Gomes:** Só que seu e-mail...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não tenho como profissão jornalista não...

**Carlos Gomes:** [Inaudível] Você escreve seus artigos... agora seu e-mail, a gente escreve e ele volta.

**Rinaldo Claudino de Barros:** E é?

**Carlos Gomes:** É.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso é informação muito valiosa, tenho até que ver isso aí.

**Carlos Gomes:** É bom você ver...

**Rinaldo Claudino de Barros:** É porque na verdade eu tenho dois e-mails, mas um vinculado no outro, então quer dizer, qualquer um que você escrever pra mim eu pensava que recebia, mas você está me dando essa informação...

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu tenho o “Opinião Política”, que é o meu blog, que é opiniãopolítica.com. Então eu tenho o e-mail do blog e tenho o e-mail que é do gmail: rinaldo.barros@gmail.com. Mas os dois são vinculados, quer dizer, eu pensava que era, mas você tá dizendo que não chega, então...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu encontrei com ele na rua.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ô Rinaldo, essa sua, essa bolsa que você...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era uma bolsa do mestrado, paga aqui pela Federal.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Quando você foi, havia outros alunos?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Havia. O professor Willington...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** A pergunta é porque, viu presidente, esse caso dele é muito parecido com o caso de Alberto.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Professor Spinelli também.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Alguém desavisado de que estava no Regime Militar e nos quais os reitores eram subservientes ao delegado de plantão, selecionaram pessoas para ter uma progressão dentro da Universidade.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Pessoas que não eram recomendadas pelo Regime.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É. Selecionaram pessoas pelo mérito.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso! Claro que foi pelo mérito. Nós fomos aprovados pela seleção numa universidade do porte de Campinas, você daqui de Natal conseguir ser aprovado lá não é fácil não.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O de Alberto descobriram logo, o dele deixaram ele fazer o mestrado todo...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Fiz todo. Defendi dissertação e tudo.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Depois descobriram. Os dois perderam o processo. Não tem nada de novidade. Vocês tão...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Os professores que estavam comigo na época lá na UNICAMP: Professor Willington Germano; Professor Antônio Spinelli; Professora Raimunda, que é esposa de Willington, de Enfermagem; Professor Antônio Alfredo Santiago;

todos eles na mesma época, na mesma turma de mestrado, na mesma sala. Eles foram contratados e eu não fui. O único processo que desapareceu foi o meu.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Na época eles não conheciam nem Alfredo, nem Wellington e nem Raimundinha ainda.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Nem Spinelli.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Nem Spinelli, senão não tinha ficado ninguém. Você era conhecido.

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, eu já tinha sido preso, cassado, era figura carimbada.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Você não passou...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Aí eles: “esse não, esse é demais”.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Você não passou na peneira.

**Rinaldo Claudino de Barros:** A informação que eu tenho, não oficial, é que esse processo foi para um organismo que existia aqui dentro da Universidade...

**Carlos Gomes:** ASI?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Chamado ASI, Assessoria de Informações. Mas isso é não oficial, eu não posso garantir que foi isso.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Ou foi simplesmente extraviado, queimado ou então está em algum arquivo dos órgãos de informação.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O que identificou e tirou você depois de algum tempo, isso que eu tô dizendo aqui eles não precisam de elogio, mas é um elogio aos que sobraram né?! Devem ter se arrependido. Eu só tirei Rinaldo, deixei esses outros. Que são grandes professores da Universidade.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Porque eu achei que não tinha como. Eu não tinha o número do protocolo, eu não estava com o processo, como é que eu ia dizer que ia ser contratado? Ah, mas eles me pagaram essa bolsa... eu achei na época que não tinha como requerer administrativamente. Agora, eu teria como requerer se eu tivesse o número do processo, protocolo e tal.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, tem isso daqui... mas isso eu consegui muito depois. Isso eu não consegui na época quando eu voltei do mestrado não. Fui conseguir com pessoas que eram funcionárias daqui.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Você é um advogado, sabe melhor do que eu. Tem até um chiste, “a justiça é uma casa de recursos”. Você pode fazer recurso protelatório indefinidamente. Até dizer que não entendeu o que foi que o juiz disse, você pode dizer que não entendeu. Aí o juiz demora mais alguns meses pra dizer de novo. Até isso. Quer dizer, agora, a última apelação da advogada da União foi para o Supremo e ela alegou que há um problema constitucional no meu processo... ter falado em algum direito, alguma coisa, inclusive disse que isso era constitucional, sendo constitucional tem que ir pro Supremo, então pronto.

**Edilson Pedro Araújo da Silva:** O senhor afirmou que quando o senhor foi fazer o mestrado assinou um termo de compromisso, o senhor não recebeu uma cópia desse termo?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Acho que não. Ela não tinha duas vias e nem eu pedi na época. Não imaginava. Agora, se era eu que estava assumindo o compromisso de voltar, como é que eu ia duvidar de mim mesmo, eu que estava assinando aquilo. Aqui, eu acho inclusive, que isso não implicaria em prova. Esse termo não seria prova a meu favor...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Almir Bueno:** Mas é um termo que existe até hoje, viu?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Agora, se fosse um contrato. Como quando você vai comprar um imóvel que tem o contrato de promessa de compra e venda, os dois assinam. Se as duas partes tivessem assinado, aí sim serviria de documento, mas assinado só por mim...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O termo era uma carta de seguro da Universidade, que estava gastando dinheiro com ele. Só que depois descobriram que era melhor a Universidade perder o que gastou com ele do que ter essa figura perigosa dentro da Universidade.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É a lógica da época.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Vocês estão vendo ao vivo aqui como era a lógica da época.

**Carlos Gomes:** Qual a justificativa?!

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Esse reitor era um delegado do Regime Militar.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eram todos muito subservientes. O reitor até hoje nomeado pelo Presidente da República. Na época era nomeado pelo General.

**Carlos Gomes:** Qual seria a justificativa pra se mandar alguém fazer o mestrado e a reciprocidade, o que é que ganhava a Universidade com isso? O óbvio...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Professor qualificado, né?

**Almir Bueno:** Hoje, o termo de compromisso é: você tem que ficar o mesmo tempo que você ficou afastado você tem que pelo menos continuar...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Era mais ou menos isso também na época. Se bem que era assinado só por mim.

**Carlos Gomes:** Com certeza absoluta isso era com a Universidade de Campinas. Com certeza absoluta a Universidade de Campinas deve ter a documentação da recepção...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, isso aí com certeza e toda essa troca de correspondência também. Durante o período...

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É CNPQ. CNPQ. Agora, o CNPQ tinha dois tipos de bolsa ou três, esse era a chamada “Demanda Social”. Demanda Social é aquele que não se enquadra em nada, aí tem uma cota lá de Demanda Social, digamos 5 ou 6 bolsas pra Demanda Social e eu entrei numa dessas. Entendeu? Porque o outro tipo de bolsa era pra quem já era professor. Professor somente graduado que ia fazer mestrado tinha bolsa oficial do CNPQ. Como eu ainda não era, aí eu entrei nessa da Demanda Social.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Rinaldo Claudino de Barros:** Lógico! Fosse hoje, evidentemente, que não havia nem questionamento.

**Carlos Gomes:** [Inaudível] tinha que se comprovar, agora o problema é que sem existir documentação fica difícil...

**Rinaldo Claudino de Barros:** [Inaudível] isso qualquer ação administrativa...

**Carlos Gomes:** [Inaudível] bom, não vamos discutir isso não, mas eu queria pleitear...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu devia ter procurado o professor Carlos Gomes pra ser meu advogado, o único erro que eu cometi foi esse.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, se vocês encontrarem isso aí...

**Carlos Gomes:** Juan já está descobrindo um bocado de coisa, viu?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Na exposição do advogado tem algumas pistas.

**Carlos Gomes:** Não, eu acho interessante vocês ficarem com essa documentação...

**Kadma Maia:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** São cópias, eu tenho cópia de tudo.

**Almir Bueno:** [Inaudível] a gente está na Comissão também pra esse papel. O seu advogado é professor Diógenes?

**Carlos Gomes:** É.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Mataram a charada! Agora, atual, né?

**Almir Bueno:** Sim, o atual.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Inclusive faz uns 4 ou 5 anos. É esse processo que está no Supremo.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** [Inaudível] pra ajudar na verificação dele junto à Universidade, alguma coisa que pudesse criar, fazer...

**Rinaldo Claudino de Barros:** A UNICAMP tem um arquivo, vou informar pra vocês, todo digitalizado.

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** O Arquivo Morto dela... está todo digitalizado e à disposição.

**Carlos Gomes:** Muito bem! Então vamos agora... porque a nossa Comissão elas está apurando as coisas no âmbito da Universidade... você já estava no âmbito da Universidade.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Isso!

**Carlos Gomes:** Apenas aquela...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu tinha uma curiosidade. Posso matar?

**Carlos Gomes:** Pode!

**Rinaldo Claudino de Barros:** É... o que foi que levou a Comissão a me convidar? Pra tirar meu depoimento?

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Sim, mas é isso que eu quero saber. O que foi que vocês acharam? Não tem nada a ver com isso que eu trouxe?

**Carlos Gomes:** [Inaudível] não, a gente conhecia do inquérito...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu estou perguntando isso por conta de uma coisa que é quase engraçada. Um dia desses, depois da Democracia, eu não sei se vocês sabem, mas existe um negócio hoje chamado *Habeas Data*.

**Carlos Gomes:** É.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Você pode requerer, saber o que é o que o Governo sabe sobre você e eu requeri o *Habeas Data*. E aí eu recebi só que não tem nem 20%. Eu pensava que eles sabiam e eles não sabem quase nada.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [Inaudível]

**Carlos Gomes:** [Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não está no Arquivo Nacional não?

**Carlos Gomes:** [Inaudível] Bom, nós temos alguma coisa... porque houve uma determinação de Collor pra incinerar... nós já procuramos... e o MEC é que tomava conta dos documentos da ASI... eu saí e deixei lá, quem ficou... quem era agente do MEC era José Maria Figueiredo, a gente traz José Maria Figueiredo, José Maria disse: “quando eu saí de lá deixei os documentos, quem ficou lá foi Silvestre, irmão de Françoise”, que nunca convocamos. Eu fui atrás de Isolda Cavalcante, morreu. Agora, tem a Taciana, né? Que aí já é arquivo, né? Nós procuramos saber a última pessoa que soube que essa documentação foi enviada pra algum lugar. Então falta, realmente, a Taciana trabalhava lá, era?

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** É, mas o mais importante seria esse rapaz, Silvestre.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Mas Silvestre tem muitos anos que ele não está mais no Rio Grande do Norte. Eu tenho contato com Françoise. Françoise é difícil porque ele nem celular tem. É quase selvagem.

**Carlos Gomes:** Chantagem emocional... O depoimento dele pode ajudar muito a gente...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Françoise é Procurador, né?

**Carlos Gomes:** É Procurador...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu sei, mas talvez dê pra achar ele.

**Carlos Gomes:** E junto a ele eu vou saber. Espero que o irmão dele esteja vivo. Já o Adriel que era o Chefe do Setor, eu tive conhecimento que ele... Então, a impressão que eu tenho até agora é que possivelmente destruíram, mas nós vamos procurar...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Presidente, a minha, eu acho que...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Eu acho que...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu acho que está guardado com alguém.

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, eu acho que está com alguém.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** E não vai aparecer!

**Rinaldo Claudino de Barros:** [Inaudível]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não foi destruído.

**Carlos Gomes:** É, isso é bíblico, né?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Nem ninguém vai encontrar.

**Carlos Gomes:** Isso é bíblico, né? Na bíblia diz que “nada pode se esconder”.

[Inaudível]

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Em cada área acho que esse boato de que foi para regiões, para o Exército ou órgãos federais e aí foi entregue a determinadas pessoas.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Mas eu vou dizer por que. Existe a filosofia da Comunidade de Informações, é de que deve preservar, inclusive, a sua memória também do ponto de vista deles, porque essa coisa eles vão voltar. O fundamento da filosofia deles é isso. Não é pra destruir tudo porque senão ele destrói também a si próprio.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, exatamente.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Porque se foram eles que produziram essas informações por que que eles vão destruir? Então tem fundamento o que você tá dizendo.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Carlos Gomes:** Vamos pensando aí alguma coisa que queiram elucidar. Professor Rinaldo, já encontrou aí um aspecto que você levantou muito interessante. Eu acho que os requerimentos dele não foram... porque o correto era lutar pra ingressar na Universidade. Mas aí a indenização é quase como um outro caminho, não, eu desisti. Eu quero agora só uma indenização, mas as coisas, né? Existe uma pressão psicológica em tempos determinados, tem uma motivação pra pessoa... você não vê o caso de Maria Laly Carneiro? Ela conseguiu voltar

pra Universidade. Tive a sorte de ser da Comissão, de emitir o parecer, porque eu consegui o seguinte: procurei depoimento da pessoa que foi Genário Fonseca, que foi quem assinou a demissão dela, e ele declarou “realmente eu obriguei ela a pedir”, ela foi reintegrada, aí aposentou-se e, de certa forma, a coisa foi resolvida.

**Rinaldo Claudino de Barros:** No meu caso eu não requeri porque eu achei que eu não tinha como comprovar. Eu digo, “ora, se eu comprovando a chance já era pequena de ser aceito, imagine sem comprovar”.

**Carlos Gomes:** Mas acontece que psicologicamente...

**Rinaldo Claudino de Barros:** É questão psicológica.

**Carlos Gomes:** Aí é questão de psicológico, é muito fácil dizer hoje, mas naquele tempo, na verdade, tem dúvidas, né?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O final do mestrado foi em que ano?

**Rinaldo Claudino de Barros:** Tem o mestrado e tem a dissertação, né? Eu terminei os créditos, voltei pra cá... Eu terminei a dissertação foi em 92 já. Já tava pra ser jubilado. E dando aula aqui no dia a dia você não tem tempo pra escrever uma dissertação. Principalmente dando aula na graduação. Eu tive que me autoexilar ali em Baía Formosa com a máquina de escrever, na época era máquina de escrever pra fazer a dissertação. Uma máquina de escrever e uma resma de papel. E rezava pra o orientador não riscar, mostrava a ele datilografado e tudo.

**Almir Bueno:** Só pra efeito de... já foi falado, mas o vínculo com a UFRN seu foi só do período de estudante?

**Carlos Gomes:** Não, já era formado.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, não, já era formado. Fui fazer o mestrado já.

**Carlos Gomes:** Mandaram ele fazer o mestrado. No Paraná.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não, ele era bolsista.

**Almir Bueno:** Ele era bolsista. Não era professor.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não era professor, porque justamente...

**Carlos Gomes:** É por isso que eu perguntei a história do vínculo.

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Essa época era muito difícil acontecer concurso...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Carlos Gomes:** Mas havia o compromisso.

**Rinaldo Claudino de Barros:** Claro que havia o compromisso.

[Pessoas falando ao mesmo tempo].

[Inaudível]

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** É, isso aí é uma pista muito boa. Eles foram testemunha na época, até se dispuseram... mas eu desisti.

**Carlos Gomes:** Eu já era da Universidade nesse tempo. Na gestão, foi antes de Daladier que... Genivaldo, não me lembro. Foi criada uma Comissão...

[Pessoas falando ao mesmo tempo]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Não, se a gente for analisar com isenção, eles estavam certos. Quem é que ia trazer um problema pra dentro da Universidade, sabendo com certeza que eu ia criar problema. Ia, lógico que eu ia... mudar da água pro vinho só por conta de um contrato.

**Almir Bueno:** Quando eu entrei na Universidade, o Professor Antônio era Chefe do Departamento de Ciências Sociais.

[Inaudível]

**Almir Bueno:** Não, Antônio Alfredo.

[Inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** Ele hoje é aposentado pela Federal.

**Carlos Gomes:** Bem, vocês tem alguma pergunta a fazer? Sim. Mostre a ele.

**Rinaldo Claudino de Barros:** É uma Portaria é?

**Carlos Gomes:** É uma portaria...

**Rinaldo Claudino de Barros:** Ah, quero!

[Pessoas falando ao mesmo tempo, inaudível]

**Rinaldo Claudino de Barros:** O General não era Duque Estrada não, era Estevildo.

**Carlos Gomes:** Vamos formar um dossiê e a gente entrega a alguém pra relatar... como eu vou fazer com Alfredo, viu, Moisés? Você que vai ser o relator do caso do Alfredo. Alfredo não, Alberto Lima. Com a documentação que a gente está complementando, a gente... mas é interessante porque você é representante do setor dos funcionários, né?